

BCCP/UFC 2021
ANO 2 NÚMERO 1

Biblioteca Em Cena



Biblioteca universitária
Biblioteca Central do Campus do Pici



**BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS:
COMPARTILHAR SABERES PARA
TRANSFORMAR REALIDADES**



Expediente

Biblioteca Em Cena é uma publicação realizada pelo Projeto Arte na Biblioteca da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ano: 2

Número: 1

Reitor da Universidade Federal

do Ceará: José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Diretor da Biblioteca

Universitária: Felipe Ferreira da Silva

Chefe da BCCP/ UFC: Isabela Nascimento

Coordenação do Projeto Arte na

Biblioteca: Francisco Moura, Islânia Castro e Nonato Ribeiro

Idealização e Concepção

Artística: Rebeka Lúcio e Suzana Figs

Editores: Francisco Moura, Isabela Nascimento, Islânia Castro, Nonato Ribeiro e Rebeka Lúcio.

Projeto Gráfico e Diagramação: Suzana Figs

Redação: Baticum Proletário, Francisco Moura, Nonato Ribeiro, Rebeka Lúcio.

Colaboradores nesta edição: Argentina Castro, Beatriz Cavalcante, Caio Victor Brito, Dário Gomes do Nascimento, David Leão, Ezequiel Bernardes, Kelma Socorro Lopes de Matos, Ivylin Oliveira e Wesley Farpa.

Imagens: Acervo BCCP/UFC, Canva e acervo pessoal dos colaboradores e entrevistados.

Fortaleza, janeiro - junho de 2021

Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC)

**Campus do Pici, s/n, bloco 308 (1º andar) – CEP 60440-970 – Fortaleza – Ceará
artenabiblioteca@ufc.br / Fone: (85) 3366-9515**

Facebook: @bccpufc @artenabiblioteca

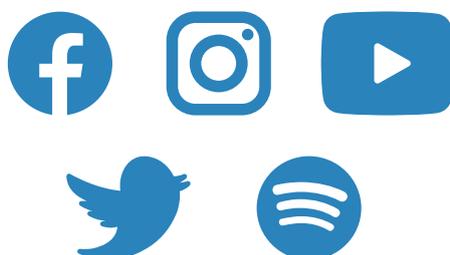
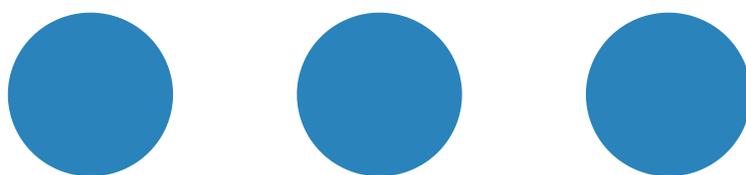
Instagram: @bccpufc / **Twitter:** @bccpufc

Youtube: bibliotecacentralcampusdopic

<https://tinyurl.com/spotifyartenabiblioteca>



Biblioteca Em Cena





5 Editorial

6 Livros Livres: Resenha Literária

Hilda Hilst e o existir
enquanto dúvida
Caio Victor Brito

9 Arte e diversidade

Dimensões da
sexualidade, identidade
e diversidade sexual
Nonato Ribeiro

13 CAPA

Bibliotecas Comunitárias
Francisco Moura

18 Além dos Muros

Uma Biblioteca Comunitária
como fruto de um papoco
de ideias
Argentina Castro

23 Lugar de Poesia

Entrevista com a poeta
Gleiciany Queiroz
Baticum Proletário

25 Cineclube

Chappie
David Leão

28 Afinações Acústicas

Potência criativa na
pandemia

Rebeka Lúcio

34 Biblioteca Explica

Escrita Criativa

Nonato Ribeiro

37 Escrita Livre

Procura-se-me

Beatriz Cavalcante

39 Fique zen

Reiki na FACED

Kelma Socorro Lopes de
Matos e Dário Gomes do
Nascimento

42 Ilustra

Onírico

Ivylin Oliveira

44 Ilustra

Olhares

Ezequiel Bernardes

46 Em Foco

Wesley Farpa

Wesley Farpa

O lançamento da segunda edição da revista Biblioteca em Cena vem coroar um esforço coletivo dos colaboradores do Arte na Biblioteca, projeto cultural da Biblioteca Central do Campus do Pici. Destaco aqui o empenho das bolsistas Suzana Figs e Rebeka Lúcio, idealizadoras, editoras e diagramadoras por tornarem possível a concepção da revista.

Nesta edição abordaremos como matéria de capa o I Encontro de Bibliotecas Comunitárias Populares, evento realizado de modo virtual em 21 de Novembro de 2020, e organizado conjuntamente pela BCCP, Biblioteca Comunitária Okupação, Biblioteca Comunitária Adianto e Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, que teve como tema compartilhar saberes para transformar realidades. O texto trata-se de um relato do encontro, uma espécie de colagem das falas dos gestores e colaboradores das bibliotecas. Não se propõe a ser uma ata, apesar de também ter a funcionalidade de ser uma ata do encontro. Traz o ponto de vista de quem atua nas bibliotecas comunitárias de iniciativa popular, expondo as ações, as dificuldades enfrentadas, as perspectivas futuras, a necessidade de formular políticas públicas e as possibilidades de financiamento dos espaços, além da constatação do efeito transformador das bibliotecas na comunidade.

Além da matéria de capa, as bibliotecas comunitárias estarão presentes nas seções: Além dos muros, Em Foco, Ilustra e Lugar de Poesia.

“Além dos muros” traz um potente relato da Argentina Castro - escritora, antropóloga e gestora da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias - sobre a formação da biblioteca comunitária, situada na comunidade do Papoco em frente aos muros da UFC, muros estes que essa seção pretende ir além, e que a Papoco de Ideias tem como desejo auxiliar que as crianças e adolescentes da comunidade invadam os muros, não só da UFC quanto também desta revista. Para isso a biblioteca busca possibilitar o direito ao lazer, à educação, à cultura, à segurança, à cidade, ao alimento.

“Em Foco” traz o ensaio fotográfico “Goiabeiras é lugar de adianto” de Wesley Farpa - fotógrafo, realizador e montador audiovisual e diretor da Biblioteca Adianto. O ensaio retrata o bairro das Goiabeiras e seu cotidiano em torno da Biblioteca Adianto.

Na seção “Ilustra” apresenta as ilustrações de dois adolescentes frequentadores da Papoco de Ideias, Ivylin Oliveira com uma série de 14 ilustrações que compõem o trabalho “Oníricio” e Zéq com o trabalho “Olhares” que conta com 10 ilustrações.

Na seção “Lugar de Poesia” o colaborador do Baticum Proletário entrevista a articuladora comunitária e gestora da Biblioteca Comunitária Sabiá, Gleiciany Barbosa, em uma conversa que envolve direito ao território e acaba em poesia.

Esperamos que este primeiro bloco da revista que envolve a temática específica das bibliotecas comunitárias possa transmitir ao leitor, mesmo que de maneira geral, as vivências e importância da existência das bibliotecas comunitárias para oportunizar a democratização do livro e da literatura, à cultura, à arte e ao lazer em áreas desassistidas pelo poder público e que a biblioteca comunitária é o único espaço cultural da comunidade.

O segundo bloco da revista destaca-se pela diversidade de textos a que se pretende esta revista. Na seção “Livros Livres” o artista digital e pesquisador Caio Victor Brito escreve uma resenha literária sobre o existir enquanto dúvida em Hilda Hist. O bibliotecário e doutor em Ciência da Informação Nonato Ribeiro assina na seção “Biblioteca Explica” a matéria Escrita Criativa, na qual relata uma conversa com a escritora Vanessa Passos sobre o processo criativo na escrita e a importância da leitura. Nonato também escreve o importante artigo Dimensões da sexualidade, identidade e diversidade cultural. A advogada e escritora Beatriz Cavalcante escreve um conto intitulado “Procura-se-me”. Na seção “Cineclube, o cineasta David Leão faz uma crítica ao thriller policial cibernético “Chappie”. A mestre em artes, atriz-pesquisadora e produtora cultural Rebeka Lúcio conversa com a cantora, compositora e atriz cearense Jandê sobre a potência criativa na pandemia na seção “Afinações Acústicas”. Na seção “Fica Zen” a professora Kelma Matos e Dário Gomes escrevem sobre o Reiki e outras ações que visam propiciar o bem estar para a comunidade acadêmica e seu entorno.

Desejamos que a leitura desta revista seja proveitosa



HILDA HILST E O EXISTIR ENQUANTO DÚVIDA

Por Caio Victor Brito*



Hilda foi a principal responsável por me ensinar a duvidar, a destrinchar sentimentos e temores, emoções e desejos, em fragmentos ínfimos de uma realidade completamente mesclada à subjetividade de existirmos enquanto indivíduo, matéria física, em um Mundo no qual as principais transformações se dão na imaterialidade, no intangível e no inalcançável.

Dentro de nós, e não fora. Sendo precisamente essa busca pelo desconhecido, por algo não compreendido tanto em nós como no Outro, a responsável por tornar a escrita e as reflexões de Hilda tão densas e marcantes. Há sempre um fluxo de perguntas e de deduções que se retroalimentam e se transmutam em narrativas completamente distintas e desviantes, assim como são os nossos pensamentos.



Foto: Juvenal Pereira



*Caio Victor Brito Graduado em Cinema pela UFC, mestrando em Artes pela UFC, escritor, montador, artista digital 3D e pesquisador de novas mídias e realidades mistas (VR, AR, XR).

Essa mescla do abstrato com o real, do corpo com a subjetividade, existe em sua melhor e mais ampla forma através de um texto híbrido que materializa versos entre verbos, que embaralha falas entre narrações e cria personas e interlocutores não nomeados, de forma a nunca termos certeza do emissor do discurso até nos rendermos apenas ao conteúdo, ao que é dito que reverbera tanto dentro de nós, porque constantemente nos perdemos, tanto aqui fora como dentro das palavras de Hilda.

Não há problema algum em nos perdermos contanto que continuemos a caminhar, a trilhar linhas inteiras sem intervalos, fim e reticências... Até nos depararmos com uma figura desconhecida a nos indagar sobre a Vida, sobre a Morte e sobre Deus. A nos lançar em um mar revoltado de perguntas frenéticas que estranhamente mais nos desvelam do que nos atordoam, nos acariciam até vir o soco que nos desnorteia e nos deixa à deriva de uma existência humana que é em si absurda, incoerente, e estupidamente baseada em ficções ancoradas no surreal cuja única serventia é dar continuidade às nossas vidas e nos livrar da loucura que seria se subitamente nos tornássemos lúcidos.

A vida é em si surreal.

Nascer e já morrer, nascer e poder crescer, decorar fórmulas sociais e regras de convivência, e quando não, ser alcunhado incapaz condenado ao isolamento, dar continuidade ao fetiche de uma família que nunca existiu enquanto laço e união, ser explorado em trabalhos sub-remunerados e engolindo discursos de que o conquistar só depende da vontade, não da sua, claro, mas de quem importa. Ouvir isso foi um soco? Então... Hilda sempre teve muita confiança no que escrevia e defendia que seu trabalho era precioso demais para ser lido no bonde, no ônibus e no carro, e não podia ser diferente já que ela lia compulsivamente de nove a doze horas por dia sobre os mais diversos assuntos, de filosofia alemã à física quântica.

Sempre refletindo em seus textos esse estado de dúvida e de questionamentos latentes aos quais ela nunca abriu mão em vida, como se o texto te puxasse desesperadamente para dialogar e a refletir com ele, em uma relação dúbia de risos fora de hora e socos certos a te desestabilizar.

Tremer nas bases, compartilhar de uma solidão intrínseca à nossa existência. Amedrontar pelo medo de desaparecer e sucumbir à loucura da lucidez. Hilda tinha medo da loucura que acometera o seu pai a encontrasse, mas também flertava com a loucura ficcionalizada pelo mundo ao se permitir vender Lori Lamby nas entrevistas como uma pornografia para crianças divertidíssima de se ler, o que de fato ela o é, mas também “repugnante, um lixo, uma droga que os editores gostam muito de vender”.

A mesma crítica que aparece em Contos de Escárnio quando Crasso, nosso narrador, resolve escrever um livro porque ao longo da sua vida tem lido tanto lixo que resolve escrever o seu próprio, já que todo mundo se diz escritor hoje em dia e são aplaudidos por outros como tal.

Hilda queria acima de tudo ser lida, dizia ser a ambição máxima de um escritor, e se não o estava conseguindo com a sua prosa híbrida de poesia em busca do desconhecido, do incomensurável, da face de Deus, então conseguiria ao escrever a sua trilogia pornógrafa. Agora, o questionamento que fica aqui está no ato, não mais na palavra.

Que abjeta é a situação em que se precisa prostituir a sua liberdade intelectual enquanto artista para sobreviver e se manter vivo? Se os livros, poemas e peças foram os únicos filhos biológicos que Hilda deixou em vida, não parece óbvio a metáfora que Lori Lamby representa ao ser vendida pelos seus pais por dinheiro? O que significa dizer obscenidades quando a verdadeira natureza do obsceno é a vontade de converter?

Hilda foi obscena por toda a vida ao desnudar a vulnerabilidade da condição humana, ao mostrar como as bases em que nos apoiamos são tão frágeis diante de simples perguntas e indagações que se manterão desconhecidas por maior que seja a nossa sede de conhecimento e desejo pela iluminação. Por maiores que sejam as nossas dúvidas, o mais difícil de se encarar é que provavelmente no fim não iremos a lugar algum após proferi-las e as jogarmos ao vento. “Ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti”. É impossível fugirmos de quem somos e de quem desejamos ser. Então simplesmente aguentamos até onde as nossas ficções nos permitem aguentar. Suportamos até quando não sabemos o motivo para suportar.

Afinal, não é assim com todos? Se soubéssemos pelo o que procuramos, não passaríamos uma vida inteira tentando encontrar, mas mesmo se o encontrássemos, ainda assim não nos sentiríamos insatisfeitos?



Hilda Hilst (1930-2004) foi uma poetisa, cronista, dramaturga e ficcionista brasileira. Fez parte da “Geração de 45” que buscava a reabilitação de regras mais rígidas para a composição do verso. Foi considerada uma das maiores escritoras do século XX.



Fonte: Divulgação Amazon

Sinopse:

Lori é uma menina de oito anos que, incentivada por seus pais, se prostitui e escreve tudo em um diário. Obsceno e impactante.

DIMENSÕES DA SEXUALIDADE, IDENTIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL

Os meses de maio e junho têm datas relevantes voltadas para a população LGBTQIA+. O dia 17 de maio é marcado como o Dia Internacional de Luta contra a LGBTfobia. Já em 28 de junho, celebra-se o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+. Movimentos sociais, instituições governamentais, empresas privadas e a sociedade civil têm se organizado nesse período para reafirmarem sua posição de luta por respeito e cidadania.

Por Nonato Ribeiro*



Para adentrarmos nesse cenário, seja você LGBTQIA+ ou não, é necessário a compreensão da sexualidade humana e da diversidade sexual, sem desconsiderarmos a dimensão biológica, mas incluindo outros fatores como a cultura e a identidade. De acordo com o documento Elaborando Definições de Saúde Sexual, da Organização Mundial da Saúde (2002):

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da sua vida e engloba sexo, identidade e papel de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. A sexualidade pode envolver todas estas dimensões, mas nem sempre todas são vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada por uma interação de fatores de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual.



*Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias.

Portanto, a partir desses conceitos, entendemos que a sexualidade humana extrapola o ato sexual biológico, envolvendo várias outras dimensões: desejos, sensações, comportamentos, fantasias, emoções, identidade. Da mesma forma como o gênero, a sexualidade também envolve um processo contínuo de construção da identidade humana pessoal, que acontece dentro de um contexto histórico, social e cultural específicos.

Segundo o senso comum heteronormativo, o 'normal' é que ao nascermos com pênis e vagina, somos determinados como homem e mulher, respectivamente. O homem deve desejar a mulher e a mulher, o homem, devendo se unirem em casamento, formar família, procriar e povoar a sociedade.

Contudo, os estudos sobre gênero e sexualidade vêm para romper com o paradigma da heteronormatividade, reconhecendo que as pessoas nascem com determinadas capacidades biológicas (cromossomos, genitálias, gônadas, hormônios) que os classificam como macho e fêmea, mas que seu papel social, sua sexualidade e sua identidade de gênero não são imutáveis e cristalizadas, mas se constroem ao longo da vida. Nesse ponto já cabe um adendo para incluir no debate sobre a divisão biológica das pessoas intersexuais, que nascem com características biológicas externas e/ou internas, que não se encaixam no padrão homem macho/mulher fêmea.

Já a orientação sexual envolve um padrão de atração sexual, emocional e afetiva para um grupo com determinado sexo biológico, não se constituindo em uma opção livre e voluntária*. Padronizou-se em quatro os tipos principais de orientação sexual:

- a) Heterossexualidade (atração afetiva e/ou sexual por pessoas de sexo oposto);
- b) Homossexualidade (atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo);
- c) Bissexualidade (atração afetiva, sexual e erótica tanto por pessoas do mesmo sexo quanto pelo sexo oposto); e
- d) Assexualidade (que na realidade, refere-se à ausência de atração sexual).

Ademais, como mencionado anteriormente, para além de qualquer tipologia ou classificação, a sexualidade humana é heterogênea, não é imutável, sendo formada por uma multiplicidade de possibilidades. Assim, surgem novas formas de classificação, como a Pansexualidade (orientação sexual caracterizada pela atração sexual ou romântica por outras pessoas, independentemente do sexo e gênero destas), a Demisexualidade (atração sexual apenas em alguns casos em que anteriormente se estabeleceu um forte vínculo emocional ou íntimo) e a Autosexualidade (Atração que se sente por si mesmo), para citar algumas. É importante destacar também que a divisão principal de orientação sexual, entre hetero, homo, bi e assexual trata-se de uma classificação, criada para controle da sexualidade humana, sendo, portanto, arbitrária.

Quanto à identidade de gênero, diz respeito ao modo como a pessoa se percebe e se expressa individual e socialmente, seja homem ou mulher, independente ou não de sua anatomia. São três grupos principais:

- a) Cisgêneros, as pessoas que se identificam e se comportam conforme o seu sexo biológico;
- b) Transgêneros, são as pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento;
- e
- c) Não-binários, que se referem às pessoas que questionam e transitam entre os gêneros e os papéis sociais que lhe são atribuídos.

* A expressão "orientação sexual" contrapõe-se a anteriormente utilizada "opção sexual". Sendo formada por um conjunto de dimensões da identidade do indivíduo e seu contexto, a definição do objeto de desejo e relacionamento não pode resultar de uma opção deliberada, mecânica e linear

Queremos ressaltar novamente que trata-se de uma classificação criada para fins de controle e entendimento, mas o gênero e a sexualidade ultrapassam as barreiras que a classificação impõe. Por exemplo, a palavra “transgênero” e sua forma abreviada, “trans”, podem ser utilizadas para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais, referindo-se aos sujeitos que transitam entre um gênero e outro.

As travestis vivem cotidianamente sua identidade de gênero feminina, mas de maneira geral, não sentem desconforto com sua anatomia, ou não possuem a necessidade de fazer a cirurgia de redesignação sexual. Já pessoas transexuais geralmente sentem uma inadaptação ao seu corpo, possuindo o desejo de encaminhar um tratamento hormonal ou mesmo cirurgia de redesignação para alcançar o corpo referente ao sexo com que se identifica (BENTO, 2017).

Temos ainda outros grupos sociais ligados à identidade de gênero, como por exemplo: *Crossdresser*: pessoa que gosta de usar ocasionalmente roupas características do gênero oposto, geralmente em ocasiões específicas. *Drag queen*: homens que se vestem como mulher de maneira caricata com o intuito de realizar performances artísticas, que incluem canto e dança. *Drag king*: mulheres que se vestem como homem de maneira caricata com o intuito de realizar performances artísticas, que incluem canto e dança.

O sexo biológico, a orientação sexual, a identidade de gênero e a expressão de gênero podem estar relacionados, mas também são dimensões distintas da identidade humana, conforme visualizado na Figura.

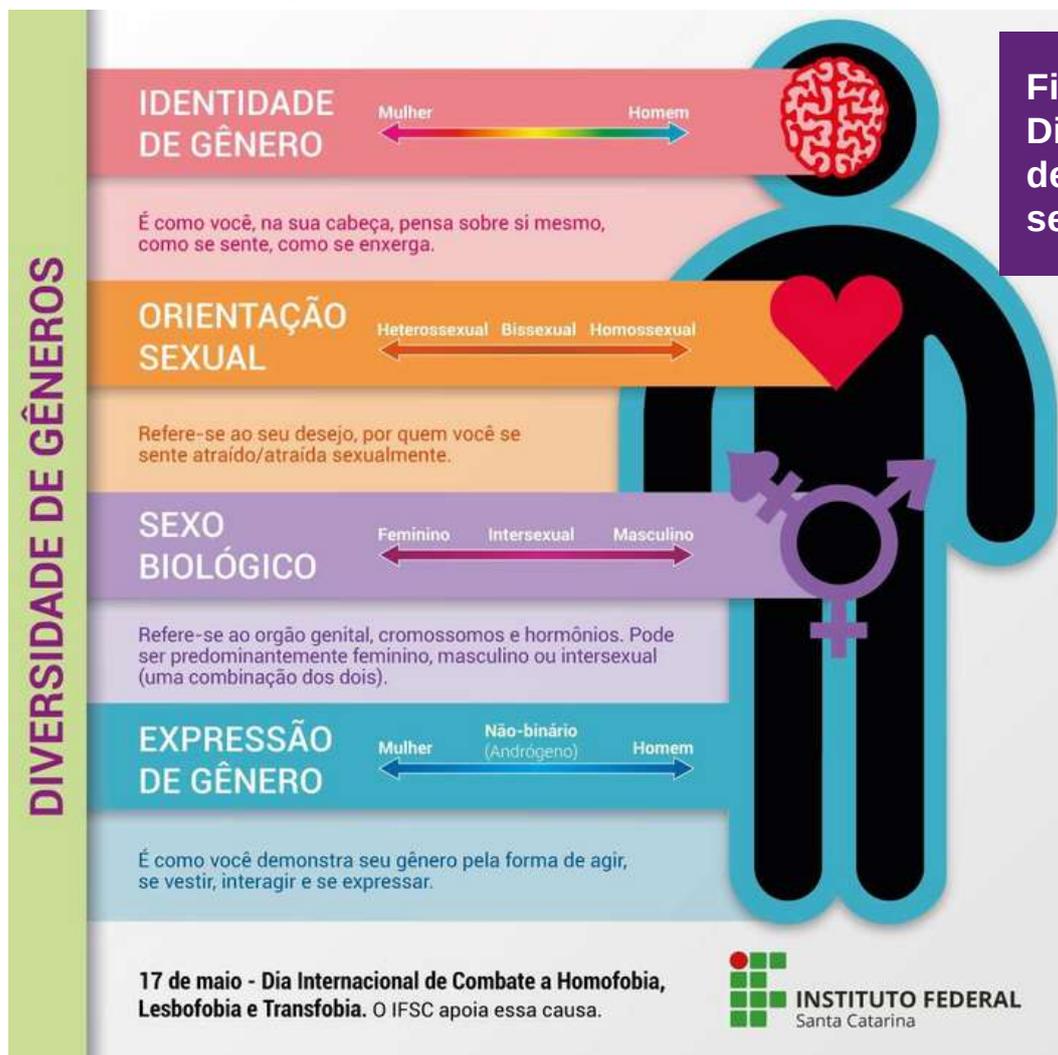


Figura – Dimensões de gênero e sexualidade.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/K23Y6iArrw3smuWW9>

Por exemplo, ser homossexual não necessariamente deve fazer um homem se sentir e se expressar menos masculino, ou uma mulher menos feminina. Outro caso, é que uma mulher transexual (que nasceu com genitais masculinos, mas assumiu uma identidade de gênero feminina), quando se relaciona com homens, é heterossexual, e caso se relacione com mulheres, é homossexual.

Por oportuno, lembramos que todas essas identidades e orientações não são rígidas ao longo da vida, podem mudar ao longo do tempo, permitindo que as pessoas vivam sua sexualidade e sua identidade como elementos fluídos, menos sujeitos a restrições e classificações.

Importante compreender todas essas dimensões da sexualidade e identidade humana, diante do cenário mundial de retrocessos em Direitos Humanos e o avanço do conservadorismo. Compreendemos também o papel da Ciência, da Cultura e da Arte e das bibliotecas na problematização da temática e apropriação dos espaços sociais.



Texto adaptado de: SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. Regime de informação das políticas públicas LGBTI+ no Brasil. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52012>



BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: COMPARTILHAR SABERES PARA TRANSFORMAR REALIDADES

Por Francisco Moura*



Em 21 de Novembro de 2020, às 15 horas, a Biblioteca Central do Campus do Pici, a Biblioteca Adianto, a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias e a Biblioteca Comunitária Okupação promoveram de modo virtual, o I Encontro das Bibliotecas Comunitárias Populares, idealizado e organizado por representantes das quatro bibliotecas. Participaram do encontro um total de 54 pessoas, destas a maior parte dos presentes eram gestores e articuladores de bibliotecas comunitárias, além de ativistas sociais, produtores culturais e artistas.



*Francisco Moura [@chicomouraf] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de cinema.

A lista de participantes conta com representantes da Biblioteca Comunitária do Araturi, Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, Biblioteca Adianto, Livros Livres Curió, Biblioteca da Filó, Biblioteca Bate Palmas Viva Palavra, Biblioteca Livre, Biblioteca Viva Barroso, Biblioteca Comunitária Jardim Literário, Biblioteca Comunitária Chico Parafuso, Okupação, Coletivo Muriaquitã, Somos todas Maria, Casa das Negas, Biblioteca Comunitária Adalberto Mendes, Espaço de Leitura, INEC, Sorriso da Criança, Revista Berro, Narcoteca - Biblioteca Comunitária, Nômade, Biblioteca das Artes; além de outras pessoas entusiastas que se articulam em torno das bibliotecas comunitárias e que tem desejo de montar uma biblioteca comunitária.

O encontro teve como objetivo fortalecer os laços entre as bibliotecas comunitárias de iniciativa popular através da partilha das experiências de gerir uma biblioteca comunitária. O evento foi dividido em três eixos para melhor se debater as questões que afligem as bibliotecas comunitárias, são elas: “Propostas para as bibliotecas comunitárias: o que podemos fazer em parceria?”; “Caminhos e descaminhos das bibliotecas comunitárias: o que fazíamos, o que fazemos, o que faremos?” e “O desafio de manter as bibliotecas comunitárias: estratégias de manutenção dos espaços”.

Acreditamos que a maneira mais verdadeira de escrever sobre as bibliotecas comunitárias é utilizando os relatos dos próprios participantes das bibliotecas comunitárias durante o Encontro, com isso pretendemos mostrar um panorama geral e diversificado sobre como as bibliotecas comunitárias são gestadas, as dificuldades enfrentadas, as possibilidades de sustentabilidade, além do poder transformador das ações para a comunidade.

Bibliotecas Comunitárias são espaços normalmente localizados em áreas periféricas e criados quase sempre espontaneamente pela comunidade, sem nenhuma vinculação governamental, e que atuam como verdadeiros centros culturais e de cidadania, oportunizando o acesso ao livro, a literatura e outras formas artísticas a crianças e adolescentes. Não sabemos com precisão quantas Bibliotecas Comunitárias existem em Fortaleza, contudo observamos o surgimento de dezenas delas nos últimos cinco anos, a maioria de iniciativa popular, autogeridas por pessoas e coletivos sem vínculos com instituições, sejam públicas ou privadas.

Para Machado e Vergueiro¹ as bibliotecas comunitárias surgem como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, que de forma empírica e criativa trabalham empoderando a comunidade,

colaborando com o desenvolvimento social, potencializando talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se em espaços públicos voltados à emancipação, onde a prática cidadã pode aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva.

Normalmente, a biblioteca comunitária é a única opção cultural do bairro, sendo responsável por promover em seus frequentadores experiências artísticas e culturais que lhes foram historicamente negadas, abrindo outras possibilidades de interação com o mundo. Danny Marinho, do coletivo Somos Todos Maria, nos conta do uso da leitura como tecnologia de redução de danos sociais, criação e reaproximação com o que nós somos ao apresentar temáticas e autores próprios da realidade do jovem periférico. Já Argentina Castro, da Papoco de Ideias, nos lembra da capacidade da leitura como ferramenta de emancipação humana e a efetividade de um espaço cultural que permita ter acesso ao livro de maneira fácil, próximo da sua casa e sem burocracias quanto a prazo de devolução.

É importante lembrar que nem só de livros se faz uma biblioteca. Para além de empréstimos de livros, contação de histórias e rodas de leitura, as Bibliotecas Comunitárias promovem o acesso a outras linguagens artísticas como teatro, fotografia, música, cinema, artes visuais, auxiliando na promoção dos múltiplos letramentos cada vez

mais necessário na sociedade informacional que vivemos, sendo capaz de diminuir as desigualdades de oportunidades a que os jovens periféricos estão submetidos. Destacamos aqui as experiências de jornais multiplataformas comunitários produzidos pela Livro Livre Curió, o Folha Curió, e pela Biblioteca da Filó, o Uma Filomena.

Nos relatos de todos os gestores são notórias as transformações ocorridas na comunidade e do entorno das bibliotecas comunitárias, o espaço da biblioteca passa a ser ponto de referência na comunidade e de acordo com Argentina é considerado por país e responsáveis, que normalmente estão no trabalho, um espaço seguro e livre da violência urbana, do assédio sexual e do trabalho infantil. Rafael Rodrigues, da Biblioteca Viva Barroso, relata que após a biblioteca comunitária realizar atividades nas escolas do bairro e com a parceria dos alunos com a biblioteca Viva Barroso criou-se uma pressão para que a escola do bairro reativasse a biblioteca escolar.

Apesar do trabalho de grande impacto de transformação social realizado pelas Bibliotecas Comunitárias com crianças e jovens da periferia de Fortaleza, o reconhecimento por parte do poder público ainda é insignificante, Talles Azigon, gestor da Livro Livre Curió, pontua que “a biblioteca comunitária promove desenvolvimento social local, justiça social, e justiça de conhecimento,

sendo um modelo eficaz para a política cultural já que estão próximas à comunidade, são agregadoras, tem baixo custo benefício e já apresentam resultados positivos”, como a recente pesquisa Retratos de Leitura² que aponta que os jovens e adultos de periferia lideram o perfil do leitor fortalezense. Para Baticum Proletário, gestor da Biblioteca Okupação, “a união das bibliotecas comunitárias pode gerar uma pressão política para que existam recursos públicos permanentes para a manutenção das bibliotecas comunitárias, com processos menos burocráticos, como ocorreu na Lei Aldir Blanc”. Talles lembra da invisibilidade das bibliotecas comunitárias nos editais das secretarias de cultura, já que não existe categoria própria, mesmo com a quantidade de bibliotecas comunitárias e disseminação nas áreas de menor IDH.

Além da iniciativa pública, outra forma de manter as bibliotecas comunitárias sustentáveis é a aproximação com o terceiro setor, e parceria com institutos sociais que injetam recursos para a construção e manutenção das bibliotecas, porém alguns gestores presentes no evento foram enfáticos quanto a perda de autonomia das bibliotecas quando submetidas a esses institutos. Outra forma de captar recursos é através de contribuições voluntárias e rede de amigos da biblioteca, Rafael, da Biblioteca Viva Barroso, tem experiência de 4 anos nessa dinâmica de pedir contribuições voluntárias e que mantém a biblioteca através dessas doações e se propôs a fazer uma oficina mostrando como ele organiza para conseguir doações.

Como encaminhamento do I Encontro das Bibliotecas Comunitárias Populares foi lançada a proposta de realizar em 2021 um Festival das Artes das Bibliotecas Comunitárias, que consiste em utilizar as programações já existentes nas bibliotecas, coordenando-as e sincronizando-as em um evento semanal de grande alcance na cidade. Além do festival artístico os participantes propuseram a realização de oficinas de capacitação com gestores culturais, profissionais do terceiro setor e da universidade para que mais bibliotecas comunitárias consigam acessar a diversidade dos recursos disponíveis, seja por meio dos editais públicos, das organizações sociais ou da rede de doadores.

O evento pode ser visto na íntegra no link: <https://www.youtube.com/watch?v=U6BhrQD2Gj0>



¹VERGUEIRO, W. C. S.; MACHADO, E. C.; VERGUEIRO, W. C. S. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. CRB8 Digital, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9501>;

²<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/jovens-e-adultos-da-periferia-lideram-o-perfil-do-leitor-fortalezense-aponta-estudo-1.2993867>.



UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA COMO FRUTO DE UM PAPOCO DE IDEIAS!

Por Argentina Castro*



Às vezes, a vida pode nos apontar caminhos a partir do que nos dói. Sabe aquela angústia sempre presente no meio dos peitos? Pois é, um peito angustiado pode ser um fomenta(dor) não só de um caos interno, mas de uma pequena rebelião do lado de fora da caixa torácica.

E foi assim que surgiu a Papoco. Ela surgiu quando fiz, por dentro, uma imersão profunda buscando resposta para as seguintes perguntas: O que posso fazer para melhorar o lugar onde moro? O que eu tenho que pode ser compartilhado com meus vizinhos? Que retorno eu posso dar para a sociedade que pagou pelos meus estudos de graduação e pós-graduação em universidades públicas (estadual e federal)? Como contribuir para pensar um outro bairro possível? Até quando vou ficar de braços cruzados vendo meus vizinhos, jovens, virando estatística nos índices de violência na quinta maior cidade do país?

Antes, porém, de olhar ao meu redor no presente, faço o exercício mental e emocional de ir até a minha infância e ver, a mim e meus irmãos e vizinhos de então, indo para o nosso único evento/espço com cara de lugar que nos garantia algum direito. E isso só acontecia uma vez por ano, no mês de julho.



*Argentina Castro [@argentinna.castro] Aprendiz de escritora, Articulista, Antropóloga, Fundadora da [@papocodeideias].

Eu estou falando da colônia de férias da Universidade Federal do Ceará que acontecia no Campus do Pici, nos anos de 1980.

Foi lá que tomei meus primeiros banhos de piscina, fui ao zoológico, pratiquei esportes, conheci e brinquei com dezenas e dezenas de outras crianças da redondeza, que eu não conhecia em sua maioria, mas que faziam parte do meu dia a dia por comungarmos da realidade difícil de crianças pobres. Era lá, na verdade era bem aqui, na frente da minha casa.

Era só atravessar a rua Piauí e a cerca que separava a universidade dos nossos corpos infantis, que tínhamos garantido, uma vez por ano, o direito ao lazer usufruído dentro dos espaços da universidade e também o direito à cidade, já que fazíamos alguns passeios. Cruzávamos os inesquecíveis e gigantescos pés de eucalipto que balançavam, para lá e pra cá e que pareciam que iam cair de tão finos e longos. Olhando da minha casa para a UFC, os eucaliptos pareciam portais. Na volta para casa, úmidos e com cheiro do cloro da piscina na pele, enchíamos as mãos pequenas com as folhas que caíam ao chão e levávamos para nossa mãe fazer os benditos “cozimentos” para as gripes e resfriados.

Aquele cheirinho de eucalipto também se misturava com o gosto da semente de “morta fome” que fazíamos questão de dar uns bons pulos para pegar maduras e botar na boca. Essas eram as nossas únicas travessias numa infância permeada pela pobreza material...

De lá para cá, não se ouviu mais falar em colônia de férias por essas bandas. A piscina da universidade nunca esteve tão restrita. Somente seus acadêmicos fazem uso e alguns poucos moradores.

Que pena! Que pena?? Que vergonha, isso sim! Quantos atletas moram aqui do lado e estão com seus corpos atrofiados pelo não acesso aos seus direitos.

Quantas mentes sendo nutridas por coisas que não engrandecem ninguém, e isso nas barbas da universidade? E ela bem aqui na nossa cara se fazendo de doida, dando uma de João sem braço, fazendo um desserviço a quem está ao alcance de seus olhos e mãos. Se quando eu era criança o que ela nos “dava” já era pouco, agora, esse pouco já nem existe mais. E foi por causa dessa e outras situações que fiquei cá com meus botões dizendo a mim mesma: UFC, nós vamos invadir sua praia!

E sempre que estou papeando com as crianças eu digo: Gente, aquele muro ali da universidade foi feito para a gente ultrapassar. E para isso, tínhamos livros, espaço, crianças (aqui em casa nunca faltou) e a certeza de que o acesso aos direitos melhora a vida das pessoas. Pensei que o livro podia ser o caminho a nos levar para muitos outros. Uma irmã mais velha formada em biblioteconomia nutria o sonho de uma biblioteca em casa. O que fizemos, todos dessa família, foi unir coisas que gostávamos, que tínhamos e que acreditávamos. Assim nasceu a Papoco de Ideias.

Nasceu como uma aposta, no meio de sentimentos difíceis (raiva, medo, revolta, tristeza, insegurança e angústia). Começamos no carnaval de 2016 com alguns poucos livros enfileirados no parapeito da área de nossa casa e um lençol estendido no chão pra meninada sentar. Fizemos um minibaile com menos de dez crianças, algumas da família. E ali, de forma inconsciente, misturamos alegria e leitura, festa e livros. Carnavalizamos o ato de ler, sambamos na cara do prefeito e do governador e também do reitor que não sabem nem que cor são nossos olhos, que dirá a dos nossos confetes e das nossas serpentinas. Até hoje eles não sabem. Na verdade, eles não sabem de nada daquilo mora dentro e fora de nós.

Atrevida, fui até a sala do então Secretário adjunto de cultura do Estado (que eu havia conhecido em uma conferência de juventude) e ele me enviou, através do sistema estadual de bibliotecas, quinhentos livros, vinte cadeiras plásticas e um bebedouro. Na sequência ou foi concomitantemente, não lembro ao certo, soube através de uma amiga, de uma rede de leituras existente na cidade. Fomos atrás e fizemos parte.

No processo, nos percebemos incompatíveis ideológica e politicamente. A Papoco saiu da rede e seguimos no embalo bom de ser livre, autônoma, autogerida e comprometidas mais do que nunca e, de verdade, com a comunidade.

Embora fazendo parte de um sistema que se preocupa mais com números do que com olhos que brilham pelo afeto, o dinheiro nunca foi o que nos manteve nessa empreitada. Ele nos faz falta? Sim, demais! Mas não foi a ausência dele que nos fez ficar paradas, de braços cruzados fazendo de conta que não temos responsabilidade nenhuma com o que acontece ao nosso redor. Temos consciência de classe, sabemos o nosso lugar e entendemos que sem luta, nada se transforma. Fizemos quatro anos em fevereiro de 2020 e por aqui já passou umas cem crianças, ou mais. Mas atendemos, com constância, mais da metade desse número.

No correr dos quase mil quatrocentos e sessenta dias de existência, temos garantido, minimamente que seja, alguns direitos (principalmente nos fins de semana) para faixa etária de 1 a 18 anos de idade. Os direitos são: o direito ao lazer, à educação, à cultura, à segurança, ao direito a cidade, ao alimento.

Trabalhamos com oficinas diversas. Afinal, tudo nos interessa. Fazemos o Cine Papoco uma vez por mês no meio da rua, emprestamos livros, mediamos leituras dos livros e da vida. Ocasionalmente recebemos doação de frutas e verduras e redistribuímos para as crianças mais frequentes.

Isso é direito à alimentação (saudável). As crianças já conheceram, através da biblioteca, equipamentos culturais como o Cine São Luiz, a Caixa Cultural, o Centro Cultural BNB, o Museu do Ceará, o Centro de Eventos, a Vila das Artes.

Aqui já tiveram aulas/oficinas de práticas percussivas, práticas teatrais, dança, teatro de sombras, composteira, poesia, fanzine, artcolagem, cordel, palhaçaria, livro artesanal, de árvore de natal reciclável, mamulengo, fotografia, cinema, libras, pipa, estêncil.

Temos nos aproximado das escolas em que as crianças estudam e, no período de matrícula, temos tentado nos aproximar mais ainda de alguns responsáveis pelas crianças para garantir que nenhuma fique sem ir para a escola por um descaso familiar ou escolar. Fazemos campanhas para arrecadar brinquedos, livros e material escolar ao longo do ano e em torno do calendário (dia das crianças, natal, volta às aulas).

Em 2020, vamos fortalecer parcerias que iniciaram no fim de 2019 para garantir qualidade e diversidade dos saberes a serem trocados, inclusive de geração de renda, empreendedorismo, violência doméstica, autocuidado, empoderamento, questões étnicas, saúde preventiva para os jovens, acompanhamento psicopedagógico para as crianças e adolescentes.

Queremos muito esse ano discutir e fazer e ou intensificar atividades sobre gênero, raça, violência, meio ambiente.

Queremos que quem chegue aqui saia, de alguma forma, com algo novo martelando na cabeça, inquietando o juízo. E queremos que nos deixe com novas questões também. É uma troca! Se engana quem pensa que pessoas comuns, pouco escolarizadas ou até mesmo as crianças, não tem o que dizer ou não sabem das coisas.

Queremos tratar aqui de tudo aquilo que nos adocece como indivíduos e como coletividade. Que assuntos são esses? O que nos fere por dentro e por fora, que nos mata, que nos oprime, que nos constrange, que faz com que nos vejamos como coisa menor e sem importância? Que a Papoco de Ideias seja um lugar para gente se melhorar e melhorar o mundo. Lugar de fala e de escuta, de encorajamento para perder o medo de crescer num mundo tão difícil, mundo esse que trata pobre como se fosse bicho quando nem os bichos merecem um tratamento ruim.

Talvez, a gente não consiga nada disso, mas pelo menos uma horazinha que uma criança passa aqui dentro que seja um lugar de ressignificação de sentimentos, de pensamentos, de ação.

Quando estão aqui que se sintam seguras dos adultos cruéis, se sintam afetadas pelo afeto, fortalecidas emocionalmente pela natureza que abriga essa casa. Enfim, nossa meta também para 2020 é nos aproximar mais das famílias, precisamente das mães, já que a realidade aponta para uma grandiosa ausência paterna não só nos registros de nascimento, mas no cotidiano.

E o cotidiano não é formado somente pela nossa vivência prática, mas também por nossa vivência subjetiva. E talvez seja nisso que a Papoco precisa cuidar de forma mais imediata em cada criança que chega.

A gente quer contribuir com os sonhos de cada um. Sonhar, dentro de um universo de dificuldades e impossibilidades, é a primeira coisa que nos tiram. Eu digo isso com toda propriedade. Não à toa eu só entrei na universidade aos vinte e sete anos de idade. Mas essas crianças não precisam demorar tanto para que se sintam capazes. Eu e minha família estamos aqui para cobrar essa conta. Por eles e por nós, essa conta vai ter que bater. A ferro e a fogo, ela vai bater!

Eu sei que temos limites e que esbarramos infelizmente e, muitas vezes, na família que também se formou dentro de um contexto excludente, mas se essas crianças crescerem sendo acompanhadas por nós, o destroço vai ser grande. Se sem nenhum real fazemos o que fazemos, imagina se nos próximos quatro anos comece a rolar recursos (vamos trabalhar para isso). Meu sonho é que quando não tiverem na escola, estejam aqui perto de nós fazendo um mundo de atividades as mais diversas possíveis (dança, teatro, música, circo, literatura, artes visuais) e tudo o mais que existir de artístico no mundo. Lembra dos pés de eucaliptos como portais? Pois é, eu quero que elas tenham a mesma sensação quando se aproximarem do nosso portão.



"Nosso território é rico em beleza naturais e em cultura e tradições, principalmente na Comunidade Tradicional da Boca da Barra de Sabiaguaba." Gleiciany Queiroz

Entrevista Por Baticum Proletário*



E aí, pessoal, e aí, galera, tudo bem com vocês? Para quem acompanhou nossa série do "Lugar de Poesia" no IGTV da BCCP com mais de 15 poetas mulheres e para quem está se interagindo da gente agora, nesse exato momento, essa é uma das formas que encontramos para divulgar a poesia e as poetas dessa selva de pedra e sol que é Fortaleza.

Dessa vez, estamos recebendo "a deusa da Sabiaguaba", ela que tem o sorriso mais cativante de Fortal City, Gleiciany Queiroz, mãe solo, mediadora de leitura e gestora na biblioteca comunitária Sabiá, amante da poesia, integrante e fundadora do coletivo sabiá, articuladora comunitária.

Baticum - Fala pra gente como surgiu a ideia de organizar uma Biblioteca?

Gleiciany - A ideia da Biblioteca Comunitária Sabiá ela surgiu junto com o Coletivo, por entendermos a importância e o poder de transformação que a leitura tem. Mas só conseguimos realizar quase um ano e meio depois com o apoio da Rede Jangada Literária, tive formação da importância do mediador na biblioteca, organização de espaço, acervo, entre outras.

Nossa biblioteca nasce em 12 de outubro de 2019, com apoio de alguns parceiros, entre eles a tão amada comunidade da Sabiaguaba, onde a biblioteca está inserida, outras bibliotecas comunitárias onde nos doaram livros, entre outros.

Baticum - Mudando de assunto, fala um pouco sobre o avanço da especulação imobiliária na Sabiaguaba e como estão organizados os movimentos em defesa dessa região?

Gleiciany - A especulação imobiliária não é uma novidade para os moradores da Sabiaguaba, a última ameaça que sofremos foi a autorização no Conselho Gestor da Sabiaguaba na liberação da licença de construção de um loteamento com mais de 50 hectares em área de API. Com apoio e mobilização popular conseguimos reverter temporariamente, pois compreendemos que eles não vão desistir tão fácil, o Instituto Verdelyz está a frente de um projeto de lei que torna aquela e outras áreas de dunas em Fortaleza protegidas.



Baticum - Na sua opinião é importante o engajamento de jovens como você em ações, atividades, campanhas?

Gleiciany - Apoio fora da Comunidade é importante, pois permite visibilidade para a luta, mas é de extrema importância que a juventude esteja ciente e atuante na luta, compreendendo a importância em manter o território protegido e preservado. Nosso território é rico em beleza naturais e em cultura e tradições, principalmente na Comunidade Tradicional da Boca da Barra de Sabiaguaba.

Baticum - Valeu Gleiciany, agora manda uma poesia pra nós aí...**Gleiciany:**

SabiaCasa
(Gustavo Costa)

"Fortaleza, cidade sangrenta, iluminada, empoeirada.

Metrópole de tantas outras metrópoles!
A vida que acontece nas bordas da capital
comprova que a cidade não é uma só.

Ruas sem asfaltos, sem calçamentos, sem nada,
mas que valem muito.
E muito mais para quem é de lá.

Nesse lugar, que, de tanto amar, resolvi chamar
de casa,
o verde se espalha e se espalha até a imensidão.

Lá tem muita água!
Doce, salgada, de poço e de quartilha.

Pulmões felizes respiram distantes da fumaça escura
dos carburadores que não param.

Boiadas surgem do nada e tomam a vista inteira.

Meninos sorridentes e exibidos domam cavalos,
sem medir força, e conseguem!

Enquanto se esvai os últimos raios de sol, o jovem
vaqueiro ensaia seu aboio e bate em retirada.

Por aqui os quintais são enfeitados e a comida é farta.

De tão singular e bonita, te batizo:

SabiaCasa!"



CHAPPIE

Uma mistura de discussão sobre inteligência artificial, violência urbana e desenvolvimento cognitivo num "thriller" policial cibernético.

Por David Leão*



A forma que o diretor sul-africano Neil Blomkamp utilizou para realizar essa polifonia, sobre temas bastante discutidos, atualmente, em "Chappie" foi no entanto bastante conhecida no cinema. Gerar identificação com um personagem protagonista.

Neste filme, além do tratamento a partir desse ponto de vista nos identificamos com o robô policial Chappie por que o diretor tratou a construção do personagem assemelhando seu comportamento ao de uma criança em desenvolvimento e nos fazendo acompanhar esse processo que é sempre doloroso para nós.

É um filme estadunidense lançado em 2015. A trama é ambientada na periferia da capital sul-africana Johannesburgo. Chappie é a unidade 22 de uma força policial robótica de inteligência autônoma produzida pela empresa Teravaal (o nome dessa empresa é homônimo ao título do curta-metragem do diretor que serviu como base para a produção do roteiro de "Chappie").

Analisaremos um trecho que tem início aos 37'17" e vai até os 49'26", tem duração de 12'09" no filme.

FOTO: DIVULGAÇÃO



*David Leão [@davidleao_av]: Formado em Cinema e em Eletrônica, apesar de não ter terminado o curso de Artes Visuais, se interessa por fotografia robótica e por artes digitais. Sonha em ser músico e ou crítico de cinema, um dia...

A escolha desse trecho deve-se ao caráter de equilíbrio dinâmico em que os temas de inteligência artificial, violência urbana e desenvolvimento cognitivo são explorados.

Vincent Moore (Hugh Jackman) chega sorrateiramente até a fábrica abandonada.

No interior da fábrica, Yo-Lanadi (Yo-Landi Visser) pronuncia o nome de uma série de objetos e até um rato que estão em cima de uma mesa de centro tentando ensinar Chappie (Sharlto Copley) a reconhecê-los enquanto Amerika (Jose Pablo Cantillo) faz piada sobre a ação de Yo-Landi.

Chappie começa a repetir os nomes e quando Yo-Landi diz a América que Chappie é esperto Chappie começa a imitar também cada ação dos dois.

Gradualmente, vemos Chappie passar de uma repetição mais automática de palavras para a repetição subjetiva de parte de gestos e expressões enquanto a cena vai alternando planos gerais e médios gerando aproximações e distanciamentos quase didáticos.

Ouve-se o barulho do carro de Deon Wilson (Dev Patel), e Amerika se levanta, saca a arma e vai verificar quem estava se aproximando.

Ao perceber quem era, ele ri para Yo-Landi enquanto Deon chega com uma série de outros objetos para fazer o mesmo que Yo-Landi acabara de fazer. Chappie, no entanto, comporta-se como um membro da gang e Deon da uma bronca em Chappie tentando ensinar que aquele comportamento não é adequado. Aqui a relação moral da tensão cultural entre os personagens se estabelece.

Eles saem do prédio. Deon propõe a Chappie que exercite sua criatividade e tente desenhar a sucata de um carro que está próximo a eles em uma tela com tinta em um cavalete. Vincent que estava espionando a movimentação percebe que Deon usou a chave de segurança da empresa e reprogramou Chappie. Vincent observa Deon ensinando Chappie a pintar e acha aquilo muito estranho, mas volta para a Tetravaal (empresa que construiu Chappie e onde Dean e Vincent trabalham).

No caminho, cruza sem se perceber com Ninja. Este cruzamento entre os dois personagens que não se conhecem marca a metade da sequência e modifica o clima da ação. Ninja tem ainda uma terceira pretensão educacional para disputar com as de Deon e as de Yo-Landi. Ninja quer um robô assassino.



Ao chegar vê Chappie pintando e acaba com a “brincadeira”. Ninja derruba Deon atira e quase acerta ele. Deon sai correndo para fugir de Ninja. Yo-Landi protesta quanto as intenções de Ninja entendendo que Chappie não é um robô burro mas que pode ter consciência. Ninja não concorda com Yo-landi e não dá a mínima para as preocupações de Yo-Landi. Tenta convencer Chappie dizendo a ele que esse não é o mundo real e propõe mostrar qual é esse mundo real.

Chappie entra empolgado no furgão e é levado por Ninja e Amerika para conhecer o mundo real.

Essa empolgação tem um apelo emocional contraditório à ação seguinte: Ninja para em um terreno baldio onde algumas pessoas estão reunidas. Ao perceberem Chappie todos se assustam, mas Ninja coloca Chappie para fora do carro e, ao ser deixado para traz, Chappie tenta voltar para a Van. Ninja acelera o carro e as pessoas percebem que Chappie não parece tão amedrontador quanto os outros robôs policiais.

Todos começam a empurrar Chappie que se comporta como uma criança assustada.

Neste ponto da trama toda a identificação que temos com Chappie ganha força em uma estrutura narrativa denominada estrutura de agressão.

Reconhecemos Chappie como uma criança em fase de aprendizagem e nessa parte final somos levados a assistir o que subjetivamente tomamos com o linchamento de uma criança.

"Não importa o grau de consciência crítica do espectador para que , sentado dentro de uma sala escura, subitamente só diante da tela, fique inteiramente à mercê do realizador, que passa a poder violenta-lo a qualquer momento e por qualquer meio. Se o espectador for exposto ao máximo de dor, em vão ele acionará seus mecanismos de defesa, em vão ele se lembrará de que é apenas um filme (...)

“Será sempre tarde demais: o “mal” estará consumado e o mal-estar, até mesmo o terror, terão tomado conta dele.”, (NOËL, 1932), p. 152

Essa sensação é reforçada e levada às últimas consequências. Além da expressão corporal e das falas de Chappie reforçarem o medo, o diretor insere imagens em planos subjetivos utilizando efeito de textura entrelaçada e diferente do restante do filme.

Dessa forma, naquela situação, “vemos o mundo real com os olhos de Chappie” o que intensifica o sofrimento do personagem. Além das subjetivas, a sequência termina com planos de câmera lenta onde Chappie é golpeado por uma garrafa de coquetel molotov nas costas, correndo e gritando que queria voltar para casa.

Filme: Chappie, (EUA/ México/ África do Sul, 2015)

Direção: Neill Blomkamp.

Roteiro: Neill Blomkamp, Terri Tatchell

Elenco: Sharlto Copley, Dev Patel, Ninja, Yo-Landi Visser, Jose Pablo Cantilo, Hugh Jackman, Sigourney Weaver, Brandon Auret, Anderson Cooper.

Duração: 120 min.

Onde assistir: Netflix

Gênero: Ficção científica



PARA SABER MAIS:

CHION, Michel, **O roteiro de cinema**
BURCH, Noël, **A práxis do cinema**

POTÊNCIA CRIATIVA NA PANDEMIA

Por Rebeka Lúcio*



Conectando-se aos novos tempos, inovando o olhar sobre si e dinamizando processos, o Projeto Arte na Biblioteca amplia possibilidades que não se limitam às estantes de uma biblioteca.

Afinações Acústicas é uma ação que acontecia no "hall" da BCCP e, nesses tempos pandêmicos, transforma-se em "live" musical, conversando sobre trajetórias, perspectivas e a importância da arte na quarentena.

Aumenta o som que, nessa série, já ouvimos mais de trinta talentos musicais, valorizando e divulgando uma das principais categorias afetadas pelo isolamento social: o artista. Nesta seção, vamos, a cada volume, trazer um músico, uma musicista, um cantor, uma cantora, um instrumentista, uma instrumentista - um (ar)tista - que passou pela nossa "live", inflando arte para um melhor respiro nesses dias difíceis. Nessa edição, entrevistamos a cantora, compositora e atriz cearense: Jandê.

Rebeka Lúcio- Jandê, você encontrou a música ou a música te encontrou? Como foi que aconteceu o seu primeiro encontro com a música?

Jandê - Acho que esse encontro foi mútuo, né? A gente está sempre muito cercado de referências em todo lugar e aí a gente vai encontrando as que a gente se identifica mais. Desde criança, eu sempre ouvi muita música. Meu pai sempre incentivou esse lado, trazendo cd. Aqueles cds que vinham com a musiquinha, tinham historinha, sabe? Esse tipo de cd... Cd de música pop mesmo tipo anos 2000... Sempre ouvi bastante e gostava de cantar junto! Por volta dos onze anos mais ou menos pedi um violão para o meu pai para começar a tocar, acompanhando as músicas, tal. Mas eu só comecei a tocar mesmo, profissionalmente, a partir dos meus 16! Tive uma experimentação ali na Igreja Católica, toquei por um tempo e foi um aprendizado muito bom, passei dois anos. Eu só tocava; não tinha coragem de cantar! Mas foi um crescimento pessoal bem grande, aprendi bastante com a galera de lá. Depois eu fui tocando em saraus, eventos, barzinhos... Então, acho que esse contato foi sempre presente. Não sei dizer quem chegou primeiro: o ovo ou a galinha. (risos)

CONHECENDO ARTISTAS DA CENA MUSICAL CEARENSE



Perfil:
Jandê [[@imjande](#)] -
Cantora, compositora e atriz
cearense



*Rebeka Lúcio [[@rebekalucio](#)] Atriz-pesquisadora, apresentadora, produtora cultural, viajante: contadora de histórias. Mestre em Artes.

Rebeka Lúcio - Conta para a gente um pouco sobre as suas composições. Qual é a história de “Jabuticaba”, por exemplo?

Jandê - Eu estava com vontade de escrever alguma coisa sobre saudade, que não fosse melancólico, sabe? Porque, geralmente, quando a gente escreve sobre saudade tende a cair mais para a melancolia, meio até boêmia. Aí eu pensei em uma coisinha mais felizinha... Eu estou com saudade, mas a gente vai se ver logo. Eu estava com uma melodiazinha na cabeça e resolvi musicar. Geralmente, flui muito assim: penso na melodia e vou colocando a letra. Mas, boa parte das músicas que escrevo, quando não partem das experiências pessoais; geralmente, são coisas que vejo, que eu sinto, que eu imagino. É muito o produto de estar assistindo a vida, né? É aquela coisa: às vezes, não aconteceu comigo, mas eu vi algum amigo ou conhecido ou ouvi falar de uma história. Aí eu penso: “É, pode ser que dê uma música!” Sabe? Aí, eu vou brincando e tem uma hora que acho que fica legal.

Rebeka Lúcio - Qual foi a inspiração mais curiosa que você já teve? Tem alguma história de inspiração curiosa?

Jandê - Teve. Eu não sei bem classificar essa inspiração curiosa, mas, geralmente, eu escrevo partindo de uma coisa que não é real. É real, mas não aconteceu ainda ou não aconteceu e não vai acontecer. Mas... Foi a única vez que escrevi nesse sentido... Foi um caso extraordinário! Eu estava com muita raiva de uma pessoa(risos), aí saiu uma música muito agressiva. Eu acho que essa foi a inspiração mais inusitada, sabe? Aí o nome da música é “Vermelho”! Mas eu não lembro mais porque eu não gosto dessa música. Eu escrevi porque estava com muita raiva dessa pessoa e, aí, saiu. Eu acho que a inspiração mais curiosa seja essa, saindo da raiva. Geralmente, eu não escrevo saindo da raiva. Eu não consigo raciocinar quando estou com raiva.(risos)

Rebeka Lúcio - Transformou a sensação em melodia. Mas essa música, “Vermelho”, ficou muito diferente das músicas que você costumava escrever ou ela ia pelo mesmo caminho? Era o mesmo estilo?

Jandê - Ela ficou... Eu tenho uma música que chama “Amarelo” que....

Rebeka Lúcio - Era outra emoção? (risos)

Jandê - Era uma emoção feliz! Uma emoção boa!(risos) Que ela é bem melodicazinha, fica em uma brincadeirinha de notinhas soltas assim... Ela é feliz, ela é solar! “Vermelho” é como se fosse uma oposição! Ela também são notinhas assim, mas só que ela é mais agressiva. Ela é muito... Não vou dizer rock in roll, mas escurecida ou densa! A palavra é essa: ela é muito densa! E, aí, ficou como uma oposição de “Amarelo”.

Rebeka Lúcio - Tem outras emoções coloridas, outras músicas com nomes de cores ou essas são as únicas, por enquanto?

Jandê - Nossa! Agora você falou que me dei conta... Não. Só tem essas duas: “Amarelo” e “Vermelho”. Olha, não tinha me ligado nisso. (risos) Mas, geralmente, as minhas músicas só têm um nome só. Eu tenho uma dificuldade muito grande para escolher nome de música. Eu encontro uma palavrinha que seja uma palavra-chave! Porque se eu colocar um nome muito grande eu vou me perder. Só tem uma música minha que tem um nome grande, que foi um sambinha que eu compus: “Sambinha clichê de um sonho que eu tive contigo”. É uma frase gigante! E ela é o que diz na letra: eu sonhei com uma pessoa e passei o dia inteiro com esse sonho cabeça... E...“Meu Deus, esse sonho não sai da minha cabeça!” E, aí, eu resolvi escrever uma música e, quando eu escrevi, o sonho saiu da minha cabeça! (risos)



Rebeka Lúcio - É uma forma de desapegar, já é uma tática! Desapega da emoção, transformando em música; desapega daquele pensamento chiclete, transformando em música...(risos) Tem música sua que vai mais pro samba, tem “Vermelho” que vai pro quase pro rock... Como é que você define o seu estilo, você acha que cabe em alguma caixinha estilística de algum gênero musical ou você vai por um caminho mais livre?

Jandê - Eu acho que esse caminho livre porque eu não consigo me colocar em uma caixinha, sabe? Eu estou meio que buscando, experimentando sonoridades. É uma explosão de referências direto. Eu sei que na minha casa é muito MPB, a Música Popular Brasileira: eu gosto muito! Mas eu tenho épocas e épocas. Às vezes, eu ouço muito um tipo de música, aí fica aquilo ali reverberando e, aí, tem o momento que eu silencio e começo a escrever... E sai alguma coisa mais pendendo para aquele lado que eu estava ouvindo, em determinado período. Então, não sei se cabe definir como algo porque ainda estou muito na experimentação. Estou sentindo as coisas acontecendo, chegando para mim ou eu indo buscar essas coisas. Eu não sei... Geralmente, falam: “Ah! A nova MPB!”. Eu não gosto muito desse nome. Então, eu não sei me categorizar, mas estou fazendo, experimentando.

Rebeka Lúcio - Falando em referências musicais, conta para a gente quem são as suas principais referências. Você tinha algum ídolo quando era adolescente, tem algum ídolo agora?

Jandê - Eita! Essa é difícil! Questão de referência é muito a questão de influência que é exercida sobre a gente e agente está cercado de influências. Tenho artistas como Michael Jackson, Caetano... Tenho visto muita coisa do Dani Black também, ultimamente... Maria Gadú gosto bastante... Cássia...Acho que a minha referência mais constante é a Cássia, Cássia Eller. Eu me identifico bastante com as sonoridades, gosto muito!

Jandê - E algo que admiro muito nas músicas dela é essa mistura! Ela juntava bastante coisa. Então, eu acredito muito nessas misturas dessas referências. É difícil nomear, apontar... Eu sou péssima para favoritar coisas, para preferir coisas: “Ah! Eu prefiro isso a isso!” Eu não consigo. Então, eu acho que é essa coisa mesmo de ir experimentando as coisas que vão chegando, sabe, ao redor? Amigos meus me influenciam! A Juliana Cunha, no Instagram @cafeecorpos, as músicas dela me influenciam! Eu trabalho com Moon Kenzo, que já é minha amiga de muito tempo e a gente está trabalhando junto e as coisas dela me influenciam também. Então, acho que depende muito de onde a gente se insere, né? Porque tudo influencia bastante.

Rebeka Lúcio - Com quantos anos você fez a sua primeira composição? Você tem essa lembrança?

Jandê - Vagamente. Eu lembro de uma vez em que eu escrevi uma coisa que eu chamei de música, quando eu tinha uns treze anos. Mas era uma coisa que misturava um dó, um sol e um ré, os primeiros acordes que eu estava aprendendo por volta dos doze, treze anos. Mas a primeira composição que eu, conscientemente, coloquei no mundo foi uma que eu chamei de “Moça”, se eu não me engano, que foi quando eu estava estudando uns acordes acidentais, umas coisas de harmonia, etc. e eu juntei isso. Comecei a criar isso, mas é uma música muito distante do que hoje em dia eu gosto de cantar. Acredito que todo processo é importante, faz parte e renegar esse processo da gente é muito ruim virar as costas para as coisas que você já fez. Então, eu abraço e acolho as coisas que já aconteceram, as coisas que eu escrevi, situações, etc. Mas em músicas minhas que eu não canto mais... Fez parte, gostei naquele tempo ali, fazia sentido, mas hoje não faz mais e essa “Moça” é uma delas. Está no meu youtube, inclusive. Acho que é o segundo vídeo que eu postei no canal e ela está lá para quem quiser ver. Eu não apago porque, como eu falei, é uma coisa que fez parte do processo e está ali registrado. Então, não tenho vontade de apagar, mas, dificilmente, canto ela.



Rebeka Lúcio - Fases, etapas, amadurecimento que é natural acontecer no caminho.

Jandê - Exatamente. Isso.

Rebeka Lúcio - E você sabe quantas composições fez em média até hoje?

Jandê - Eita! Não porque eu faço muita coisa... A gente escreve muito, pelo menos eu, escrevo muito, mas nem tudo vai para as pessoas, entendeu? Eu posso escrever umas cinco músicas, mas, talvez, eu mostre, apresente duas, uma e olhe lá! Nem tudo que a gente vai escrever acaba virando alguma coisa. Falando do meu processo, eu posso usar alguma música que eu não gravei ainda, eu posso usar alguma parte dela para outra coisa que, talvez, vá fazer sentido nessa outra coisa tanto enquanto um texto quanto uma composição mesmo de uma música. Eu... Eu acho que isso é o meu maior defeito... Eu fico esperando o momento para soltar e acabo que não solto. Eu tenho nove músicas autorais, no total, que estão no youtube. É por volta disso, mais ou menos, nove a doze que estão finalizadas.

Rebeka Lúcio - Você toca violão. Também toca outros instrumentos ou tem o desejo de aprender a tocar algum?

Jandê - Tenho! (risos) Por enquanto, violão é o que tenho mais familiaridade, arranho um pouquinho a guitarra, tenho muita vontade de me aproximar do baixo e tenho uma vontade fora da caixinha de aprender bateria. Ah! Toco ukulelê também, mas faz muito tempo. Não tenho mais nem ukulelê, mas eu sabia tocar.

Rebeka Lúcio - Com quantos anos você aprendeu a tocar violão?

Jandê - Entre onze e treze porque, quando eu pedi um violão para o meu pai e ele me deu aos onze, eu tentei fazer um acorde, eu achei muito difícil e disse: "Ah! Quero mais não!" (risos) E ele ficou dois anos jogado em uma despensa. Até que eu senti vontade de novo e essa vontade era mais firme, era mais forte e aí, aos treze, foi que eu realmente comecei a estudar o violão e a tocar. Aprendi com um músico aqui de Massapé, que é o Xixico, que é seresteiro. Ele me deu esse norte, começou a me guiar nesse caminho.

Rebeka Lúcio - Atualmente, você mora em Massapé? Você nasceu e vive nessa região?

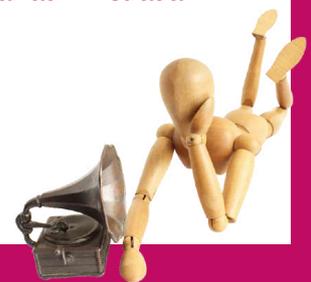
Jandê - Sim, vivo aqui. Nasci em Sobral, passei dois anos no interior... E depois vim para cá. Moro há vinte anos, tenho vinte e dois.

Rebeka Lúcio - E como é a sua vida em Massapé? Você disse que canta nos bares... São os da sua cidade ou de outros locais?

Jandê - Geralmente, eu canto mais em Massapé mesmo. Ultimamente, considerando essa pandemia, fiquei muito parada, contando mesmo com outros projetos online. Tirando esse ano atípico, eu toco em barzinhos, lanchonete daqui, o que chamam... Sarau... Geralmente, esses eventos mais alternativos são em Sobral, como sarau e outras apresentações de música autoral, etc. Aqui, geralmente, é em casamento e em barzinho mesmo que eu tenho tocado.

Rebeka Lúcio - E, além dos seus caminhos na música, você também se aventura pelas estradas cênicas, estradas teatrais. Você também é atriz. Como é que começou esse caminho nas Artes Cênicas?

Jandê - Sigo tentando tanto um quanto o outro. Começou quando a ECOA, lá de Sobral, disponibilizou um curso de iniciação nas artes básicas do teatro com o Elmo Ricardo. Isso foi em 2017. Chamei dois amigos para a gente participar porque eu sou muito de gostar de andar em bando. Chamei o pessoal e a gente foi e aí comecei. Fazia muito tempo que eu queria experimentar isso porque eu via amigos meus da faculdade estudando teatro, estreando peça e eu achava isso muito lindo. "Meu Deus! Eu quero fazer, mas como é que faz? Eu não tenho dinheiro!" Em 2015, quando entrei na universidade, conheci uma galera, inclusive conheci Moon Kenzo lá, uma cantora de Sobral muito maravilhosa e agente começou a tocar junto. Nisso, ela se apresentava pela 4 Portas na Mesa, que é uma companhia, uma escola de teatro que tem em Sobral administrada pelo Chico Expedito.



Jandê - Quando entrei na ECOA em 2017, no fim do curso depois de receber nosso diplomazinho, a graduação toda, a gente foi para a 4 Portas, os que ficaram. Porque sempre é essa coisa, né? Igual na faculdade! Começam uns 40, 50 alunos e depois ficam 5! Então, a galera que ficou até o final do curso que terminou a gente foi para a 4 portas montar uma peça como se fosse assim o TCC da turma. A gente foi montar com a direção do Chico e do Elmo. O Elmo é instrutor corporal e o Chico é diretor teatral. Eles foram organizando isso e a gente se apresentou no Sesc lá de Sobral mesmo. Essa foi a minha primeira experiência assim com teatro e, a partir daí, eu comecei a escrever, a ler bastante e fui me aventurando mais nisso. Daí, as primeiras peças que, de fato, eu participei foram em 2019 e 2020 antes dessa pandemia louca. Em outubro de 2019, a gente fez uma montagem dos “Tempos Absurdos”, que são vários textos do Teatro do Absurdo que foram compilados e a gente apresentou lá no Teatro São João de Sobral. Em janeiro, a gente apresentou “Mcbeth”, uma adaptação do Shakespeare, um texto adaptado do Chico Expedito. Só que chegou a pandemia. A gente ia fazer uma segunda temporada, mas não rolou por conta desse vírus que está rolando aí.

Rebeka Lúcio - Grandes clássicos! Você disse que escreveu também, então você já se aventurou na dramaturgia?

Jandê - De certa forma, sim. Minha mãe é professora de português e, às vezes, fazia alguns eventos no colégio dela e, por uns dois anos, ela me chamou para ajudar as crianças a montarem essas peças. Então, era a adaptação de textos infantis, eram livros infantis que eu adaptava para uma peça teatral de escola. Assim bem simples, bem amador, né? Mas foi ótimo para começar a entender como é que funciona essa dinâmica de criar um texto teatral, de elaborar as rubricas e pensar na cena toda e nos sons e não sei quê e eu acho isso muito maravilhoso. Tanto que eu comprei agora dois livros de como elaborar roteiros e diálogos porque é uma coisa que eu acho muito gostosa de ler! Pode ser algo que eu não leve assim como uma profissão não, mas é um hobby. Eu gosto muito de ler e aprender sobre.

Rebeka Lúcio - E o que foi que você estudou na faculdade e qual a profissão que você considera que realmente segue?

Jandê - Então, ainda estou na faculdade porque peguei greve, mas já estou perto de terminar... Faço Letras-Inglês na UVA. E a profissão que eu realmente sigo é esse paralelo porque esse ano eu tenho dado aulas mesmo online e sigo tocando, sigo produzindo. A gente não pode parar ainda mais nesse ano dito atípico. A gente está trabalhando até mais, né? Parece que está em casa, está de boa, mas nem é assim. A gente está, cada vez mais, sendo pressionado a ter que produzir mais justamente porque não tem como sair de casa para ir atrás dessas coisas. Então, eu tenho dado aula, eu dou aula de violão e teatro por uma instituição de artes e esportes que tem aqui... Nesse último ano eu entrei e é maravilhoso, uma experiência que eu nunca tinha tido e é fantástico. E sigo tocando! Temos um projeto de podcast em que lançamos uma espécie de radionovela, radiodrama, como se fosse uma série através do podcast com a galera do Reclame Aqui, que é um coletivo de teatro que a gente montou no período da quarentena para poder colocar para frente esses trabalhos que a gente começou e que foram impedidos pela quarentena. Para não engavetar essas coisas, a gente resolveu se juntar para produzir algo junto. Então, a Virgínia Oliveira está encabeçando o projeto, escrevendo o roteiro, de vez em quando, dou um pitaquinho nas coisas, sugiro uma coisa ou outra. Estou na parte musical, na trilha sonora e no elenco. É uma websérie chamada “Volta”. É como se fosse uma série, mas sem as imagens e é bem bacana assim. Foi uma experiência diferente e muito gostosa de fazer porque eu gosto muito de mergulhar nessas áreas que eu não conheço. “Podcast? O que é isso? Como faz isso? Bora lá descobrir!” Chama “Volta”, em referência ao lugar da diretora do projeto, a Virgínia Oliveira, que é da Volta, um lugarzinho do interior, que é em Morada Nova, não sei se você conhecem...



Rebeka Lúcio - Agora vamos conhecer...

Jandê - Pois é... Fica há umas duas, três horas de Fortaleza. É um lugarzinho bem pequenininho. O projeto começou com a Virgínia querendo dirigir clipes. "Vamos bolar três músicas tuas que se conectem para criar tipo um filminho!" Eu achei a ideia maravilhosa e falei: "Vamos demais!" Mas aí começou a pandemia e não deu certo! Aí, pensamos na radionovela, então, cada episódio é o nome de uma música minha e o nome da radionovela também é uma música minha e essa é a música tema do projeto que se chama "Volta", por se tratar dessa coisa de voltar, de retomar as raízes, de retomar antigas relações. A gente está sempre voltando. é bem uma metáfora que combina com a vida da gente, né? A vida é cíclica demais, estamos sempre voltando a alguns pontos, sempre revisitando lugares, a gente achou que casava bem essa música com o conteúdo do projeto.

Rebeka Lúcio - "Volta" foi uma música que surgiu para a radionovela ou que já existia?

Jandê -Já existia. A Virgínia pediu para escutar todo o meu material, tudo que eu tinha, sabe quando você manda assim demo para a gravadora? Aí, eu mandei tudo que eu tinha para ela, ela ouviu e disse assim: "Menina, essa aqui vai ser a música do tema. Gostei." Aí, ficou sendo! Eu nunca imaginei ela como trilha sonora de alguma coisa. A gente lançou até um "webclipe" bem amador para a divulgação, que está no canal do Reclame Aqui. Se você jogar "Jandê, Volta" pelo Youtube aparece. A gente gravou eu aqui e Virgínia lá em Sobral porque nós duas fazemos as protagonistas dessa história... Foi uma experiência muito legal! Esses corres que estamos criando durante a quarentena é uma coisa muito louca porque você não sabia que tinha a capacidade de fazer as coisas que você fez, entendeu? Estou sempre me surpreendendo com alguma coisa porque nunca esperei que fosse fazer esse tipo de atividade.

Rebeka Lúcio - Divulga os canais em que as pessoas podem encontrar o seu trabalho.

Jandê - Você vai me encontrar no Youtube, no Facebook e no Instagram. É só você digitar Jandê. Pode colocar Jandê Amarelo, que é o que tem mais "view" lá no canal, então você encontra com mais facilidade.



Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos pela Biblioteca Central do Campus do Pici e acompanhar a programação, segue o perfil @bccpufc no Instagram.



ESCRITA CRIATIVA

Por

Nonato Ribeiro*



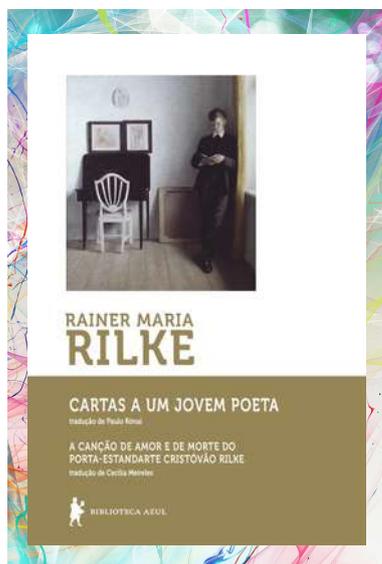
Aconteceu no dia 28 de outubro de 2020 a "live" "Conversa com a Escritora #01 - Processo criativo na escrita e a importância da leitura", com Vanessa Passos, como parte da programação da I Semana Nacional do Livro e da Biblioteca da BCCP, com transmissão em seu canal do Youtube.

Na conversa, Vanessa Passos, apresentou alguns livros que considera fundamentais na construção de um processo de escrita criativa, destacando sobre a importância da leitura para quem escreve, "porque o escritor é antes de tudo um leitor."



*Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias.

Relacionamos a seguir, os livros indicados pela escritora cearense, transcrevendo alguns de seus comentários sobre as obras. Livros:



Fonte: Divulgação Amazon

Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke

A obra destaca dois princípios do processo criativo. O primeiro é a vocação. Vocação além do sentido de dom e inspiração, mas contemplando um grande desejo e vontade que impulsiona o escritor, que o coloca nessa jornada. Para Vanessa, “uma das coisas fundamentais é quem escreve entender porque escreve.”

O segundo princípio é que Rilke compara escrever com um relacionamento amoroso, no sentido de que precisa se estabelecer uma relação de convívio, de envolvimento, de rotina com o ato de escrita. Quando não se tem convivência contínua, a relação vai esfriando. Quanto mais o escritor incorpora o ato de escrever em seu dia a dia, “mais forte se torna essa história e muito maior probabilidade de ir até o final, e não abandoná-la no meio do caminho.”



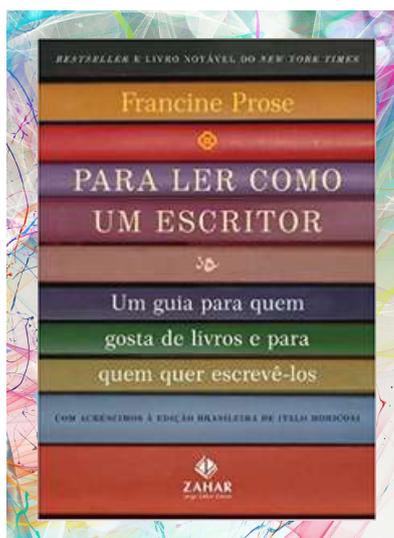
Fonte: Divulgação Amazon

Os segredos da criatividade, de Silvia Adela Kohan

A autora menciona dois fatores importantes que levam até o bloqueio criativo: o perfeccionismo e a autocrítica.

Outra dica para quem escreve, é que determinadas coisas serão construídas no decorrer do caminho de escrita. O escritor não deve achar que ao sentar-se para escrever o livro, já tem o suficiente para fechar a obra, mas que será necessário ir ajustando.



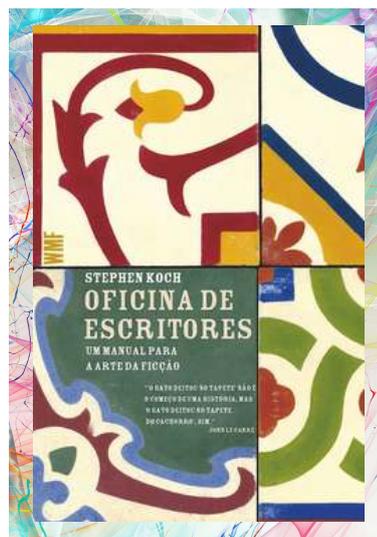


Fonte: Divulgação Amazon

Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los, de Francine Prose

A autora relaciona o processo criativo com a importância da leitura, apresentando o método “Close Reading”, que consiste em uma leitura atenta, calma, palavra a palavra, frase a frase, buscando entender em exemplos de livros consagrados mundialmente a construção do enredo, dos contextos, dos cenários e dos personagens. Esse método pode indicar aos candidatos a escritores como construir diálogos, apresentar detalhes e cenas e caracterizar os personagens.

- No final do livro tem uma breve entrevista com a autora e uma lista de livros selecionados, que fundamentaram os exemplos apresentados.



Fonte: Divulgação Amazon

Oficina de escritores: um manual para a arte e ficção, de Stephen Koch

O autor destaca logo de início que o melhor momento para começar a escrever é agora: “Só há um jeito de começar: é começar agora. Comece, se preferir, assim que terminar de ler este parágrafo, ou, em todo caso, antes de concluir a leitura deste livro.”

Koch apresenta suas ideias, fundamentadas em citações de grandes escritores, apresentando suas dificuldades, seus métodos e rotinas de escrita, suas relações com as editoras e como driblar o medo de escrever.

PARA SABER MAIS:

Live “Conversa com a Escritora #01 - Processo criativo na escrita e a importância da leitura”, com Vanessa Passos

<https://youtu.be/waRyzl0qbuw>



PROCURA-SE-ME

Por Beatriz Cavalcante*



Estou convencida de que viver é a maior aventura à qual se teve acesso até os tempos hodiernos. Juntam-se cortes e recortes, quedas e tropeços, solidão e solidude, rompimentos e rachaduras às alegrias rotineiras de um café tomado, de um encontro marcado, de um amor reconquistado. Longe de utopias acerca da felicidade, o que se tem, de fato, é um emaranhado de fatos que compõem essa vida de meu Deus.

Rasgar-se para se remendar faz sentido em demasia quando o corte não é em si, aliás, quando não é em mim. Eu, acostumada que sou com a impessoalidade da terceira pessoa do singular, deparei-me, abruptamente, com cortes na mais tangível personalidade da primeira pessoa do singular, por meio dos quais eu deveria me remendar.

Uso o “por meio dos quais” porque, efetivamente, eles eram um caminho, não, necessariamente, a correção em si.

Devo, com isso, dizer que, no ritmo frenético da então vindoura nova década, o mundo parado, forçosamente parado, fez-me parar e parar diante de mim mesma. Fi-lo, obrigatoriamente, obrigada.

Se se quisesse saber em que momento deparei-me comigo mesma, porém, nos tempos de outrora, ter-se-ia uma rápida e clara resposta: logo cedo, aos cinco anos, quando, no escorregador da escolinha em que eu estudava, uma colega, ávida por brincadeira, proferiu um ressonante “é eu. Agora, é eu”, para a descida rápida e fugaz em um escorregador. Eu, possuidora de meia década de idade, porém, não me contive e retifiquei, de modo imediato, aquela frase, proferindo um “sou eu. Agora, sou eu”. Minha colega, cujo objetivo era se divertir, brigou comigo, alegando que, na verdade, eu já havia brincado.



Beatriz Cavalcante [[@abeatrizcavalcante](#)], nascida em Fortaleza/CE, é advogada, fascinada por música, pelo canto e pela literatura brasileira.

Naquela situação, senti-me uma criança inteligente, boa no Português, inclusive. Ri, para mim mesma, de mim mesma.

Hoje, contudo, sei que, ali, não fui inteligente. Eu, simplesmente, não quis ser feliz. Não preferi ter razão, uma vez que não argumentei correções ortográficas, em contrapartida, porém, eu não quis ser feliz.

É que, agora, com quase três décadas de existência, finalmente, comecei a entender que ser feliz não depende da perfeição de uma vida retilínea, tampouco de regras, muitas vezes amorais, a serem, moralmente, cumpridas, sequer de regras de um formal Português em informais tentativas de vivência das mais diversas formas de felicidade.

As gramas verdes do jardim do vizinho, a aprovação em um concurso público de um familiar, a viagem ao exterior do colega de trabalho, o casamento do companheiro dos tempos escolares: tudo isso pode ser o tudo de outrem e, paradoxalmente, nada para mim ou para ti.

Aliás, no interstício de intensos e de pavorosos meses, deparei-me com pessoas, nas quais, por oportuno, incluo-me, cujos pedidos, físicos e metafísicos, eram, somente, de saúde e de cura.

Isolei-me, então, de amigos, de familiares e de conhecidos e, intensamente, aproximei-me de mim, da menina, com cuja experiência no escorregador, começava, malgrado paulatinamente, a perceber que a mulher com quem lidava estava, na verdade, a descer em um imenso e, talvez, perene, necessário e ininterrupto tobogã de autoconhecimento.

Não se trata, porém, de corrida. Seria, inclusive, injusto correr de mim mesma ou comigo mesma, uma vez que, finalmente, passei a entender, cara Clarice, que não mais quero não aproveitar nada e, illogicamente, empós, sentir saudade. Quero, pois, reconhecer que há sabor nesse hercúleo labor.

Para ser feliz, tenho pressa. Para viver, não. Afinal, estou convencida de que viver é a maior aventura à qual se teve acesso até os tempos hodiernos.





REIKI NA FACED:

Grupo Cultura de Paz, Juventudes e Docentes – UFC,
Projeto de Extensão Educação e Cultura de Paz na
FACED

Por

Kelma Socorro Lopes de Matos*
e Dário Gomes do Nascimento**

A atividade de Reiki na FACED é uma ação do Projeto de Extensão Cultura de Paz na Faced (MATOS, 2016), coordenado pela Profa. Doutora Kelma Socorro Lopes de Matos, e desenvolvido pelo Grupo Cultura de Paz, Juventudes e Docentes (UFC/CNPq). Além do Reiki são desenvolvidas outras ações que visam propiciar o bem estar, contribuindo para uma melhor qualidade de vida das pessoas na UFC, e seu entorno. Assim a Extensão oferece também: Curso de Mandalas de Lãs Huichol; Formação em Valores Humanos, em parceria com o Instituto Sri Sathya Sai – Ceará; Formação em Cultura de Paz para professorxs da rede pública de ensino. Durante dois anos tivemos ainda a prática de Yoga, duas vezes por semana. A seguir falaremos sobre o Reiki, bem como de estudos que investigaram essa terapia.

A TERAPIA REIKI

O Reiki é uma terapia que apresenta como principais características a promoção da cura e harmonização energética, por meio da imposição das mãos de um terapeuta que recebe previamente um treinamento para realizar esse trabalho (Níveis I, II, III A e III B) A aplicação acontece de forma simples. O reikiano impõe as mãos sobre os chakras principais do corpo da pessoa em atendimento. Esses chakras detém grande energia.

Os sete mais conhecidos são: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, plexo solar, sexual e básico. A aplicação de Reiki tem como objetivo harmonizar esses vórtices de energia, que se desarmonizam em decorrência de um estilo de vida veloz e desumano. Pessoas que têm um alto nível de ansiedade, por exemplo, super estimulam o plexo solar, o que pode ocasionar, desordens no corpo físico, como a gastrite.



*Kelma Socorro
Lopes de Matos

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará, Mestrado em Educação Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós Doutorado no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra- Portugal. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação - FACED. Mestre em Reiki. Consteladora Sistêmica e Terapeuta Holística



**Dário Gomes
do Nascimento

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Reiki.

A prática da aplicação do Reiki traz benefícios para as dimensões biológica, psicológica e espiritual. É comum o relato das pessoas após receberem falarem que a sensação é “bem-estar, tranquilidade, paz interior e diminuição de mal-estar, como dores e doenças”. Importante ressaltar que a terapia reiki não apresenta efeitos colaterais.

Quanto ao seu surgimento, o Reiki foi desenvolvido por Mikao Usui, monge japonês, que vivenciou uma experiência espiritual, por meio da qual visualizou os símbolos utilizados para a transmissão da terapia reiki. Desenvolveu ainda os cinco princípios do Reiki:

- 1) Hoje, sê grato pelas múltiplas bênçãos que recebes;**
- 2) Hoje, sê alegre e positivo;**
- 3) Hoje, confia;**
- 4) Hoje, faz honestamente o teu trabalho;**
- 5) Hoje, respeita o teu semelhante, e tudo o que vive.**

O Reiki é reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e está inserido no rol de terapias aprovadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS.

ESTUDOS CIENTÍFICOS SOBRE O REIKI

Vemos uma rápida adesão à terapia Reiki nos mais diversos contextos relacionados a práticas da área de saúde. Isso resultou em diversas pesquisas científicas que buscam verificar a sua eficácia, bem como compreender como se dá a transmissão de energia pelas mãos. Destacamos os estudos realizados por Oliveira (ANO), quanto ao efeito da prática de impostação de mãos sobre os sistemas hematológico e imunológico de camundongos machos. Como resultado, o autor observou alterações fisiológicas significativas em decorrência do tratamento empregado



Destacamos ainda o uso da terapia Reiki como ferramenta utilizada em espaços educativos. No Brasil, temos a experiência da Escola Parque Norte 210/211 (MATOS, 2006), situada na cidade de Brasília – DF. A prática desenvolvida na Escola Parque demonstra que o Reiki surte bons resultados quando utilizado enquanto ferramenta de apoio ao atendimento de alunos e profissionais que atuam no contexto escolar, conforme pesquisa realizada pela professora Kelma Matos.

Em Fortaleza-CE, Dário Nascimento realizou investigação sobre o uso do Reiki para contribuir com a promoção de uma cultura de paz na Escola Plácido Aderaldo Castelo e também na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.



AÇÃO de EXTENSÃO: REIKI NA FACED

A atividade de Reiki na Faced atende estudantes e servidores da UFC, bem como pessoas da comunidade em geral, na sala 1 da Faculdade de Educação.

Quem desejar maiores informações ou quiser realizar agendamento para atendimento pode acessar o site <https://ufcculturadepaz.webnode.com.br/>.

Atualmente a aplicação de Reiki está acontecendo virtualmente, devido às restrições impostas pela pandemia da COVID-19.



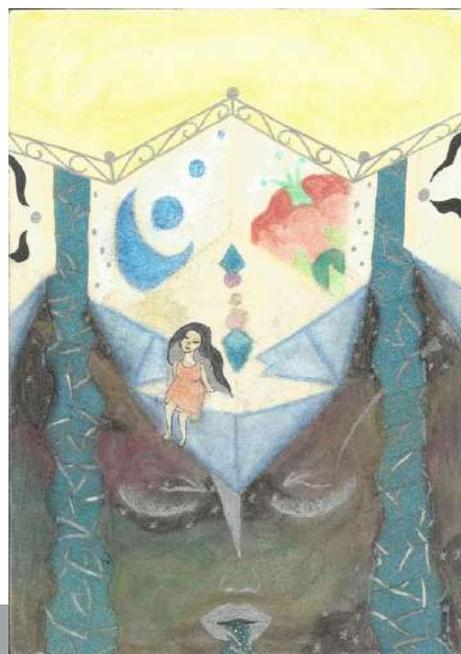
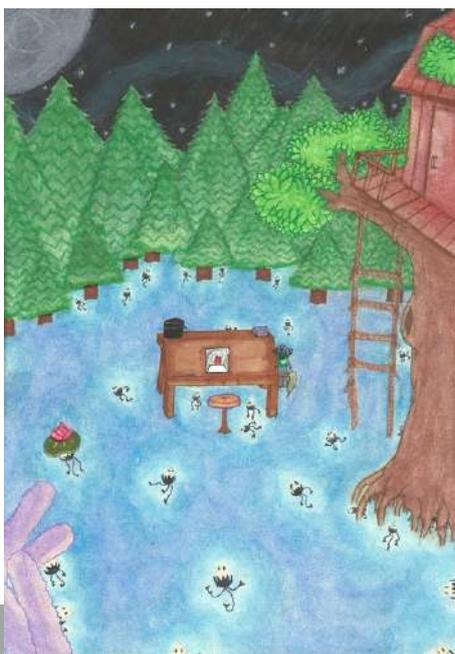
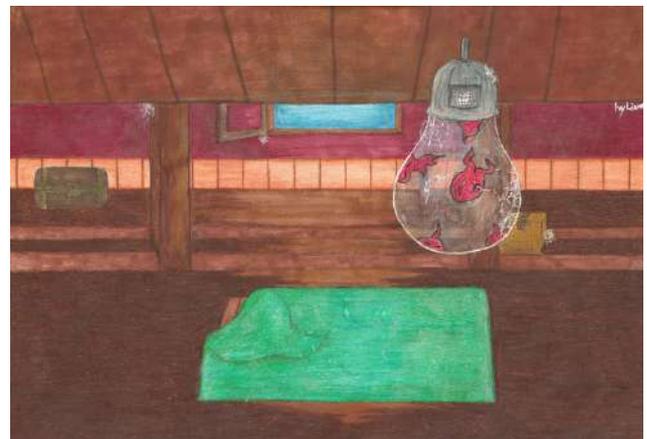


ONÍRICO



Por
Ivylin Oliveira*
 [@ivylin0_0]

Ivylin Oliveira também conhecida como Aninha pelos frequentadores da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, uma viciada em tudo que se relacione com desenho e pintura ,no momento estuda para entrar na faculdade de Sistemas e mídias digitais e aspira a um dia trabalhar produzindo animações, jogos, quadrinhos, ilustrando livros, etc.





OLHARES



Por
Zéq*

[@ezecost]

Meu nome é Ezequiel Bernardes, mas todo mundo chama de Zéq, tenho 17 anos e desenvolvi amor pela ilustração desde muito pequeno. Sou estudante e membro da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias há 5 anos.







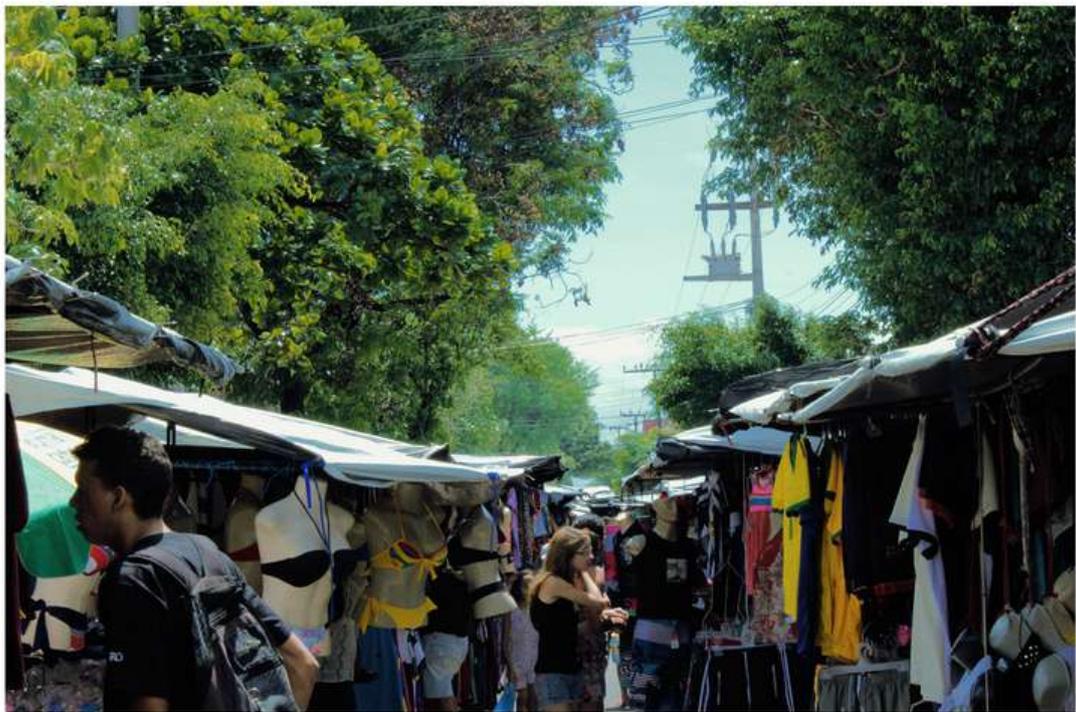
"Goiabeiras é lugar de Adianto" Por Wesley Farpa



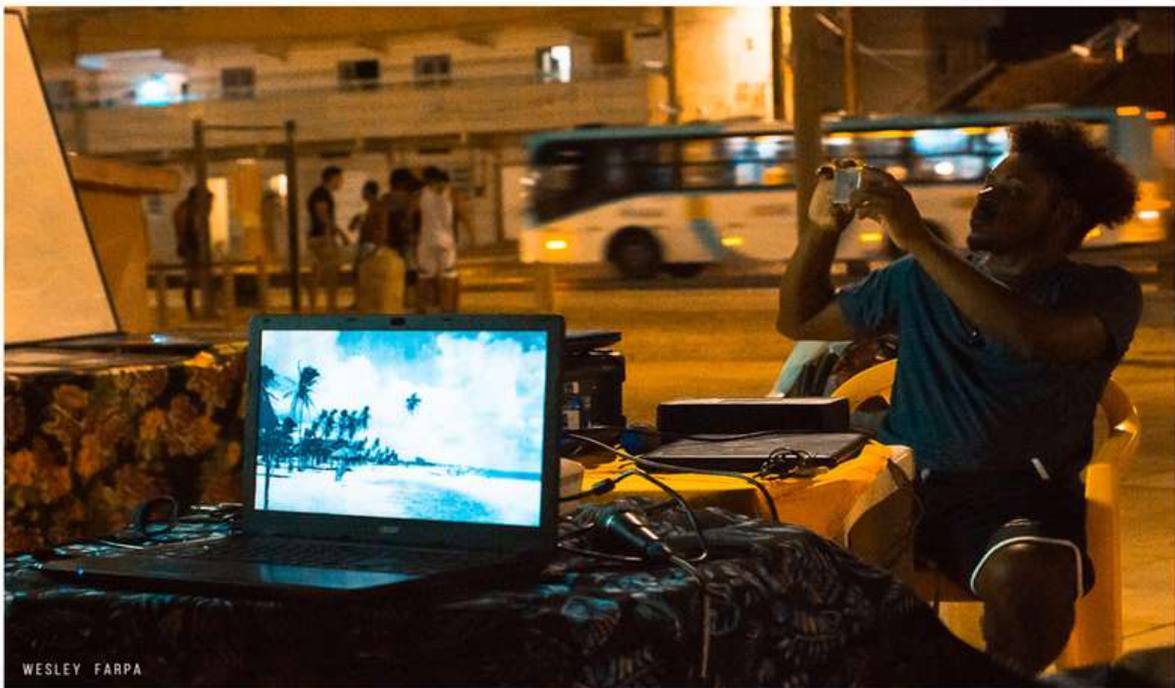
Wesley Farpa [@wesleyfarpa]

Wesley Farpa fotógrafo, produtor cultural, designer e filmmaker. É diretor geral da Biblioteca Adianto, projeto social de fomento à leitura e as artes instalado nas Goiabeiras, comunidade integrada a grande Barra do Ceará, também é realizador e idealizador do CONGO – Festival de contação de histórias das Goiabeiras, assim como coordenador do Alastra Cultura, projeto de desenvolvimento e formação do Rap de Fortaleza com 3 edições (2013, 2015 e 2019), idealizou e produziu o ILUSTRE MUNDO um projeto de pesquisa que mescla memória e design de 2014 a 2017, foi bolsista pela FUNCAP do projeto "Cinema In(ter)venção - Cine Ser Ver Luz 2019-20", é criador do projeto "Criade Filme" que fomenta a formação audiovisual nas periferia de Fortaleza e cursa Ciências Sociais – UFC. No audiovisual foi diretor e montador do CINE INVAZÃO – Resumo de uma nova invasão, montou o curta OPERAÇÃO CARCARÁ, dirigiu e montou a web série 6X ALASTRA, montou o curta POETICA DO COTIDIANO, montou o doc. FESTIVAL DO PASSINHO, dirigiu e montou o documentário CICATRIZ, dirigiu a equipe de audiovisual e montou o vídeo de cobertura ao vivo do 3º FESTIVAL LA VEM A BOA e fez direção/montagem do documentário Mestre Ciro.



















Biblioteca

Em Cena

